



**CHAMADOS A
IRRADIAR A ALEGRIA
DO EVANGELHO NO
MUNDO DE HOJE**

Carta Circular / Superior Geral

MATHEW VATTAMATTAN



CHAMADOS A IRRADIAR A ALEGRIA DO EVANGELHO NO MUNDO DE HOJE

Por vezes, ficava a pensar como acontecia tudo aquilo, ou seja, porque é que reinava tanta paz, tanta alegria e tão boa harmonia, entre as várias pessoas e durante tanto tempo. E não encontrei outra justificação que não fosse: *Digitus Dei est hic*.¹ (Aut 609)

“O reino de Deus não é questão de comida ou de bebida, mas questão de justiça, paz e alegria, que vêm do Espírito Santo” (Rom 14,17)

A nossa Congregação nasceu na Igreja, para evangelizar. Quando proclamamos e damos testemunho do Reino, há alegria e paz. Onde há paz e alegria, há boas notícias. A alegria é o perfume do nosso espírito missionário. Se vivemos a nossa identidade missionária em profundidade, os nossos corações enchem-se do gozo do Espírito, as nossas comunidades rejubilam no dom mútuo e a nossa ação missionária transmite a alegria do Evangelho. As palavras que o papa Francisco² usou para descrever a vida consagrada podem aplicar-se também a nós: “Onde há claretianos, superabunda a alegria”.

Cada um de nós foi chamado pelo Senhor a fazer parte de uma comunidade de discípulos, com a missão de proclamar a alegria do Evangelho, segundo o estilo de Claret. Podemos afirmar realmente que o Senhor acompanhou o nosso trabalho e confirmou a sua palavra com diversos sinais (cf. Mt 16,20), ao longo dos 167 anos da nossa história. A Congregação manteve-se em processo constante de renovação, de acordo com as mudanças da Igreja e do mundo. O Capítulo de renovação de 1967, e os Capítulos que se lhe seguiram, marcaram o rumo do processo de renovação congregacional, no período posterior ao concílio Vaticano II. Confirmamos a nossa identidade como “*servidores da Palavra*” (1991), “*em missão profética*” (1997), “*para que todos tenham vida*” (2003). Ao jeito do nosso Fundador, o nosso compromisso missionário na Igreja e no mundo brota do modo de sermos “*homens que ardem em caridade*” (2009) e do apelo a transformarmo-nos em “*testemunhas-mensageiros da alegria do Evangelho*” (2015). Os títulos dos Capítulos Gerais não são lemas para serem usados durante seis anos e depois descartados, mas indicam aspetos essenciais do nosso carisma, que iluminam toda a nossa vida e missão.

Quero dirigir-me a todos os claretianos, através desta circular, em que gostaria de apresentar algumas reflexões que ajudem a dinamizar o nosso itinerário congregacional, segundo o espírito do XXV Capítulo Geral. Esta carta é fruto de um discernimento conjunto do Governo Geral.

Consta de quatro partes:

I: O que é que nos pede o Senhor, neste momento?

II: Abrir-nos aos processos de transformação.

III: Tentações e doenças espirituais, que atingem a nossa vida e missão.

IV: Competências e dons, para viver e proclamar a alegria do Evangelho, hoje.

¹ Ex 8,19: “Sente-se aqui o dedo de Deus” (Aut 609).

² Palavras do papa Francisco, na *Carta aos consagrados, por ocasião do ano da Vida Consagrada*: “Onde há religiosos, há alegria” (21 de novembro de 2014).

Esta missiva pretende suscitar questões e ações, que nos ajudem a responder ao chamamento de sermos testemunhas e mensageiros da alegria do Evangelho. As diversas secções estão organizadas de tal forma que possam ser consideradas separadamente, para reflexão, oração e discernimento dos passos concretos que devem apoiar o nosso itinerário congregacional em direção ao futuro. Acrescentam-se algumas pistas de reflexão pessoal, no final de cada secção.

I

O QUE É QUE NOS PEDE O SENHOR, NESTE MOMENTO?

O XXV Capítulo Geral (2015) constituiu para a Congregação uma oportunidade singular para ouvir os apelos de Deus, no nosso tempo (MS 5-33), voltar a tomar consciência dos nossos traços carismáticos (MS 34-63) e abrir-nos à ação do Espírito, que transforma a nossa vida e ação missionária, e nos faz testemunhas e mensageiros da alegria do Evangelho, no mundo de hoje (MS 64-75). Temos de assimilar este impulso do Capítulo Geral e torná-lo operativo, no desenvolvimento da nossa missão, ao jeito de Claret e de acordo com as circunstâncias do nosso tempo.

1. Um ano, após a celebração do XXV Capítulo Geral

Durante o ano transcorrido, após celebração do XXV Capítulo Geral, houve 12 Capítulos Provinciais, 10 Assembleias de Delegações Independentes e a assembleia de uma Missão, diretamente dependente do Governo Geral. O objetivo principal destes encontros foi pôr em prática as determinações do XXV Capítulo Geral, na vida e missão desses Organismos. O Governo Geral reuniu-se com os Superiores Maiores da Congregação, em Sri Lanka, de 10 a 22 de setembro de 2016. Foi um encontro proveitoso e fraterno, que nos permitiu partilhar e programar as ações necessárias para aplicar as orientações do XXV Capítulo Geral, baseadas no Plano de Ação do Governo Geral. O Governo Geral também teve ocasião de avaliar a sua vida e missão, com o propósito de aprender, a partir das experiências do ano que passou.

Temos razões sobejas para nos alegrarmos e estarmos agradecidos ao Senhor. Exultamos pelo dom do nosso Padre Fundador, que manifestou a beleza da vocação missionária através da sua vida e nos deixou em herança um soberbo carisma, que nos congrega como comunidade missionária na Igreja. Sinto-me verdadeiramente feliz, quando penso nos missionários comprometidos em fronteiras missionárias, especialmente nos que se encontram em lugares difíceis. A Congregação existe, para participar na missão da Igreja e, por isso, nos alegramos onde quer que sejamos enviados em missão. Enche-nos de alegria o ideal missionário que manifestam os nossos idosos e doentes, que partilham a missão, unindo-se à paixão do Senhor. Alegra-nos o dom de tantos jovens em formação, que desejam ardentemente ser enviados e se preparam para a missão. Experimento também um profundo gozo no coração, pelo dom de milhares de homens e mulheres, que se unem a nós em missão partilhada, para proclamar a alegria do Evangelho.

Pista de reflexão: Como manténs viva a alegria de ser missionário?

2. Os dons de duas efemérides eclesiais, importantes para a nossa vida missionária

2. 1. Ano da Vida Consagrada: um tempo propício para aprofundar a nossa vocação missionária

Durante o Ano da Vida Consagrada, que celebrámos em 2015, fomos convidados a viver com radicalidade a dimensão profética da vida religiosa. Tal como indicou o papa Francisco, esta vivência radical exige, no tempo em que vivemos, suplantar o horizonte da mundanidade e *acordar o mundo*,

sendo testemunhas de uma forma diferente de trabalhar e viver³. Como poderemos despertar o mundo, se nós mesmos andamos adormecidos ou a dormir? Para Claret, a imagem do profeta como sentinela, sempre atento a avisar o povo para qualquer perigo (cf. Ez 3,18-19; 33,7-9; Is 21,8), constitui uma provocação a sair e a pregar⁴. Temos de manter sempre viva a consciência do apelo missionário, para podermos ser instrumentos da resposta de Deus ao grito do seu povo (cf. Ex 3,7-10). O nosso modo de vida exibe beleza e alegria, quando Cristo é o centro das nossas vidas. As reflexões durante o Ano da Vida Consagrada puseram em destaque a importância do testemunho de comunhão nas comunidades e a necessidade de nos deslocarmos para as periferias, com a mensagem do Evangelho. Fomos convidados a perguntar-nos sobre a autenticidade do nosso seguimento do Fundador e das gerações precedentes, assumindo a visão e os valores que os nortearam⁵.

2.2. O Ano Santo da Misericórdia: entrar pela porta da Misericórdia de Deus

A nossa vida missionária encontrou uma nova oportunidade para se consolidar, na celebração do Ano Santo da Misericórdia. Constituiu um tempo precioso que nos ajudou a descobrir a nossa verdadeira identidade, no amor misericordioso do Pai, contemplando o rosto de Jesus e irradiando misericórdia na nossa vida e missão. O amor misericordioso do Pai está no centro do chamamento recebido e a nossa missão flui do amor misericordioso de Deus, através da experiência do amor de Cristo, que nos urge. Com frequência, a fragilidade e a fragmentação que experimentamos, tanto a nível pessoal como comunitário, manifestam a necessidade que temos de nos abrir ao amor transformador de Deus, antes de o pretender proclamar a outros. Sem a experiência da misericórdia de Deus, tendemos a ir armazenando feridas e, por isso, continuamos a ferir os demais. Não devemos esquecer a nossa própria necessidade de conversão. Espero ardentemente que todos nós, como Congregação, entremos pela porta da misericórdia de Deus e deixemos que a nossa missão se transforme numa manifestação desse amor misericordioso que experimentamos. Quando saboreamos a cura e recuperarmos o fervor missionário, irradiaremos no mundo, de forma credível, a alegria do Evangelho.

O Sínodo dos Bispos sobre a família, celebrado em 2015, que debateu o tema “A vocação e missão da família, na Igreja e no mundo contemporâneo”, e o próximo sínodo que se celebrará em 2018, versando o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, convidam-nos a acompanhar as famílias e os jovens, no seu caminho de fé e na sua vocação eclesial.

***Pistas de reflexão:** Que incidência tiveram o Ano da Vida Consagrada e o Ano Santo da Misericórdia, na tua vida e na da tua comunidade? Que se alterou, na tua vida e missão? Como é que os diversos acontecimentos eclesiais afetam a nossa dedicação missionária ao povo de Deus?*

3. Chamados a caminhar, como missionários “com Espírito” (MS 39)

Encontramo-nos num período de surpreendentes mudanças, no mundo, na Igreja e na Congregação. Descobrimos reações diversas perante tais alterações, nas diferentes partes da Congregação. É importante evitar a dispersão, no meio destas variações. E unir-nos ao espírito do Fundador, para sermos instrumentos de Deus no mundo. Pode ser que não sejamos peritos em planificação estratégica ou capazes de formular objetivos tecnicamente. Contudo, devemos aprender a arte do discernimento, para conhecer as moções do Espírito e caminhar com o Senhor ressuscitado, que orientou o nosso Padre Fundador no cumprimento da sua missão, fez nascer a Congregação na Igreja e continua a orientar-nos e a alimentar-nos. Apresento-vos um esquema em que, partindo da definição do missionário, se faz o contraste entre as feições dos missionários com Espírito e os que vivem sem ele:

³ Audiência do papa Francisco com os Superiores Gerais (29 de novembro de 2013).

⁴ *Aut* 120.

⁵ Papa Francisco, *Carta aos consagrados* (21 de novembro de 2014).

UM MISSIONÁRIO COM ESPÍRITO	UM MISSIONÁRIO SEM ESPÍRITO
Um homem, que arde em caridade e que abrasa por onde passa.	Um homem, cheio de paixões mundanas, que sucumbe às mesmas, para onde quer que vá.
Deseja eficazmente e procura, por todos os meios, acender todos os homens no fogo do divino amor.	Deseja eficazmente e procura, por todos os meios, satisfazer as necessidades do seu ego e realizar os seus próprios interesses.
Nada o detém.	Desanima facilmente.
Alegra-se nas privações.	Fica vaidoso com os seus êxitos e em obter o que consegue.
Enfrenta os trabalhos.	Procura o seu gosto pessoal.
Abraça os sacrifícios.	Busca os prazeres.
Compraz-se nas calúnias.	Satisfaz-se com os louvores.
Suporta tormentos e provações.	Aprecia as prendas e os donativos que recebe e guarda-os para si próprio.
Gloria-se na cruz de Jesus Cristo.	Vangloria-se da própria carreira e dos seus sucessos.
Não pensa senão em seguir a Cristo.	Só pensa em exhibir-se perante os demais.
Imita Cristo, na oração, no trabalho e no sofrimento.	Marca a sua superioridade, fingindo ser santo, buscando a notoriedade e vingando-se dos seus adversários.
Procura, sempre e unicamente, a maior glória de Deus e a salvação dos homens.	Busca, sempre e unicamente, o seu prestígio pessoal, e o desprezo dos demais.

Como “missionários com Espírito”, temos de visar o futuro, que se apresenta como um dom de Deus à Igreja, e de criar em uníssono com o mesmo Espírito. Mais que repetir modelos passados, é a esperança na plenitude futura em Cristo que há de determinar a nossa forma de levar a cabo o mandato missionário no mundo. Neste “caminho que se vai construindo”, os pormenores da viagem ir-se-ão descobrindo, à medida que se avança. É como o caso da criança que, na primeira viagem com os pais a um santuário longínquo, prossegue, levada pela mão do pai ou agarrada ao manto da mãe. Não se preocupa com o caminho. Sabe que está na direção certa, seguindo no encalço dos pais e ficando atenta às suas indicações. Numa peregrinação, o caminho é tão apaixonante como a meta de chegada. O mesmo acontece na Congregação, quando nos colocamos “em posição de saída”. Sem a confiança no Senhor da história, auguramos facilmente um futuro sombrio, quando o número do pessoal diminui e alguns abandonam o Instituto. Não quero com isso minorar o valor de uma adequada planificação das nossas atividades missionárias. Uma visão unitária da nossa vida e missão pode abarcar estes dois aspetos, encontrando harmonia entre o roteiro confiado ao Senhor e a planificação cuidadosa das atividades.

Pistas de reflexão: *Que sentes que Claret te pede, hoje, quando confrontas a tua vida com a definição do missionário?*

4. Chamados a ser testemunhas credíveis do Evangelho

Temos de considerar atentamente o objetivo por que existimos na Igreja e esforçar-nos por ser fiéis à nossa vocação. Podemos perder-nos em formulações sobre a nossa identidade e a nossa missão na Igreja, se não revirmos como encarnamos o que dizemos. João resume assim a experiência apostólica: “E a Palavra fez-se carne e colocou a sua morada entre nós, e vimos a sua glória, glória que recebe do Pai, como Filho único, cheio de graça e verdade” (Jo 1,14). O testemunho e a proclamação do Evangelho brotam de um encontro com a pessoa de Jesus Cristo⁶.

Os seis rasgos carismáticos⁷, enumerados pelo XXV Capítulo Geral, transmitem perfume claretiano à nossa vida e missão. Realizamos a nossa missão, enraizados no Espírito, iluminados pela Palavra de Deus, assumindo a missão como comunidade, aproximando-nos dos pobres com a alegria do Evangelho, colaborando com outras pessoas e com abertura a todo o mundo. Sem estes traços, as nossas atividades perderão a sua fragrância, e serão como flores de plástico.

Ajudar-nos-á ver como a gente entende a nossa presença na Igreja e na sociedade. A nossa forma de vida suscita curiosidade, atração e surpresa, em pessoas que querem perceber a beleza de viver a alegria do Evangelho? Somos procurados por pessoas que querem conhecer a Palavra de Deus, partilham a sua busca ou tentam encontrar o segredo da alegria da vida missionária?

Faremos bem em examinar as preocupações pessoais e coletivas que aparecem nas nossas conversações, quando nos reunimos para partilhar. Têm a ver com o sofrimento das pessoas ou com as lutas espirituais nossas ou delas? As preocupações que afloram no diálogo comunitário apontam para onde se orienta a bússola da nossa vida. O chamamento à conversão, que nos lançou o Capítulo Geral, convida-nos a orientar o coração para onde deve ser, ou seja, para o tesouro do reino de Deus.

Pistas de reflexão: *Imagina que tu e a tua comunidade realizam um encontro com as pessoas a quem servem. A partir do que notam em vós, como definirão um claretiano? O que é que descobres em ti próprio, a partir das observações delas?*

5. A alegria de ser missionário, ao jeito de Claret

Herdámos o carisma do Fundador, para continuar a sua missão na Igreja. A palavra “missionário” tem ressonâncias diversas, nos diferentes contextos. Em muitos lugares, o missionário é o portador de Boas Notícias, uma pessoa próxima aos pobres no seu sofrimento, que se caracteriza pela simplicidade e abertura evangélicas. Noutros locais, o missionário é alguém suspeito de conotações proselitistas. Há quem o considere como aquele que assumiu uma vida marcada pela

⁶ Cf. EG 264-267.

⁷ Cf. MS 34-63.

atividade apostólica, em contraste com alguém que escolheu a vida contemplativa. Precisamos de ligar a nossa identidade missionária à vida do Fundador e ao modo como a Igreja a entende.

O título de “missionário apostólico” definiu a vida e a missão de Claret. Tratava-se de um título, concedido pela Santa Sé, e que “sintetizava o seu ideal de viver, ao jeito dos apóstolos”⁸. A experiência que Claret tinha do amor de Deus e da ternura do Coração de Maria induziu-o a partir ao encontro dos demais, levando a mensagem do amor de Deus, valendo-se de todos os meios possíveis. Na origem da vocação missionária, encontramos sempre a experiência do amor de Deus e da alegria que enchem o coração, assim como o profundo desejo de seguir Jesus, missionário do Pai. Este amor procura, por todos os meios, chegar aos que sofrem e são marginalizados, para lhes levar a consolação de Deus, através da palavra e de gestos concretos. Quando se dá uma dicotomia entre vida interior e as obras, entre a contemplação e a ação, entre a comunidade e o trabalho apostólico, podemos afirmar que o dom do amor de Deus fica contaminado por certa forma de egoísmo ou de mundanidade.

A falta de alegria na vida missionária revela um coração árido. Mesmo a atividade apostólica mais excelente, quando é levada a cabo com cara de funeral, fica órfã da alegria do Evangelho. A alegria comunica-se por meio de mil pormenores simples, frutos do amor da vida de cada dia. Pode ser o dom de um sorriso, um aceno de compreensão, uma palavra de apoio, um gesto de consolação, a companhia silenciosa que se presta a um irmão doente, a ajuda na cozinha, a visita a uma família em dificuldades, o pedido de perdão quando erramos, e assim sucessivamente. Estes pequenos atos podem aligeirar tensões e difundir a alegria, na vida de pessoas preocupadas com muitos projetos e programas. A alegria é o fruto de viver a sério o Evangelho do amor. No final da sua caminhada neste mundo, recordamos as pessoas, mais pelos seus gestos simples de amor e bondade do que pelas suas proezas mediáticas. Um claretiano alegre é como um rio que leva amor e bondade, para regar a vida daqueles com quem se cruza. Não se contamina com qualquer tipo de lixo que o ataque, porque a corrente de amor, que surge da fonte da graça, o mantém incólume e limpo.

É importante distinguir a alegria no Espírito (que se relaciona com o sentido da vida) da felicidade (que diz respeito ao bem-estar psíquico) e do prazer (que tem a ver com o bem-estar físico). Esta distinção é importante, para se não confundir a alegria no Espírito com a gratificação social ou individual. No âmbito do eu espiritual, podemos descobrir o sentido e integrar a dor e o prazer do nosso eu físico e a alegria ou a tristeza do nosso eu social, sem sermos arrastados para o abismo do sem-sentido e da depressão. Esta integração é possível, quando aprendemos do mistério da Cruz o sentido do amor e do sofrimento, e sabemos situar os factos dolorosos na perspectiva da panorâmica da nossa vida (a vocação). Claret pôde superar os momentos difíceis da sua vida, porque se manteve com um coração sereno até ao final, enraizado no Senhor e entregue à sua missão. Alegrou-se, partilhando o seu carisma com outros, trabalhando incansavelmente na proclamação da Palavra de Deus e sofrendo pela causa de Cristo.

A alegria do Evangelho coexiste com a dor, que acompanha o crescimento e as crises do desenvolvimento, ambas necessárias na vida. A dor que apoia o desenvolvimento é diferente do pessimismo amargo, que não tem em conta a fé e relega para o esquecimento a esperança. O amor não nega a cruz, mas abraça-a com dignidade. Pelo contrário, o missionário que se instala na almofada da comodidade é assaltado pela tentação de domesticar o carisma missionário e rebaixar as exigências do Evangelho, deixando-se levar por motivações mundanas. A missão que nasce do amor resiste às adversidades e tribulações. A nossa mensagem profética, que anuncia os valores do Evangelho e denuncia as estruturas do pecado na sociedade, enfrenta assiduamente a recusa e leva ao caminho do Calvário. A prova decisiva para medir a credibilidade da vida missionária é a presença de uma alegria e um amor que resistem a todo o tipo de dificuldades, mas que sofrem ao ver a miséria de outros seres humanos. A autocompaixão, a agressividade, as queixas e as ameaças, são gritos que demonstram a necessidade de que o amor misericordioso de Deus ocupe de novo o centro da nossa vida. É nossa responsabilidade comum analisar a realidade, com os seus valores positivos e negativos, à luz do

⁸ Cf. Dir 26.

amor misericordioso de Deus, e avançar como missionários “com espírito”, para levar a cabo a missão da Congregação no mundo.

Pistas de reflexão: *Onde encontras a fonte de sentido da tua vida missionária? Como assumes as provas e dificuldades?*

II ABRIR-NOS AOS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO

O XXV Capítulo Geral sentiu o sopro do Espírito, que chamava a Congregação a uma conversão pastoral-missionária e ecológica⁹, a que o papa Francisco tinha convidado toda a Igreja¹⁰. Estas conversões não são momentos estanques da nossa vida, mas fazem parte de um único processo de transformação, que o encontro com a pessoa de Cristo provoca em cada pessoa, nas nossas comunidades e na relação com tudo o que nos rodeia.

Jesus começou a sua vida pública com um apelo à conversão, como condição para acolher o Evangelho (cf. Mc 1,15). É necessário um processo de conversão permanente (transformação), para que os missionários possam ser testemunhas e mensageiros da alegria do Evangelho. Devemos responder ao chamamento do Capítulo, acolhendo o processo de conversão, que o Espírito leva a cabo dentro de nós. Quero apresentar três processos de transformação, dentro do quadro de três conversões, começando pela conversão ecológica, para situar todos estes processos no horizonte mais amplo da nossa existência no mundo e da ampla rede de ligações em que se propaga.

1. Conversão ecológica

Inspirando-se no apelo do papa Francisco, na encíclica *Laudato Si'*, o XXV Capítulo Geral reiterou a necessidade de iniciar um “processo de conversão ecológica”, que nos deve levar a redefinir a nossa missão e o nosso estilo de vida¹¹. O Capítulo não o estuda como tema específico nem faz propostas concretas para iniciar o referido processo. Contudo, a teologia e a visão da *Laudato Si'* perpassa por todo o documento capitular. Parece-me importante situar a nossa presença missionária na Igreja e no mundo, a partir desta visão ecológica integral que o Papa Francisco propõe ao mundo. Isto faculta-nos igualmente um plano criativo, para fortalecer a rede de relações dentro da Congregação e desenvolver, deste modo, a nossa missão própria, na Igreja.

1.1. A missão claretiana, dentro de uma ecologia integral

A palavra “ecologia”, que deriva do grego “oikós” (casa), convida-nos a considerar o mundo como um lar e a estudar as relações que fazem do nosso planeta uma verdadeira casa para todos, incluindo animais e plantas. Temos de sublinhar algumas afirmações básicas, para situar a nossa vida e missão, dentro do marco de uma ecologia íntegra, em que os seres humanos desempenham a sua missão específica.

- 1) A nossa fé num Deus, que é comunhão trinitária, abre-nos os olhos e permite-nos descobrir as pegadas de Deus-Trindade em toda a criação, através do complexo de relações entre todas as criaturas. Deus teceu a criação como uma rede sem fios, onde tudo está interligado¹². A maravilha da unidade na diversidade manifesta-se, com toda o seu esplendor, na integridade e biodiversidade da criação. O amor sustenta a fraternidade entre todos os homens e a unidade de toda a criação, enquanto o pecado as destrói.

⁹ Cf. MS 8, 32, 65, 67.1.

¹⁰ Cf. EG 25-33; LS 216-221.

¹¹ Cf. MS 8, 60, 65.

¹² Cf. LS 138.

- 2) Temos de contemplar a nossa missão na Igreja, à luz da visão de “uma ecologia integral, em que todas as criaturas recebem o respeito, a proteção e tratamento que merecem, desde que o ser humano ocupe um lugar, de acordo com a dignidade infinita que Deus lhe concedeu”¹³. Uma verdadeira experiência de Deus “desperta em nós uma nova consciência ecológica e cósmica, que nos faz ser solidários com toda a criação e respeitadores dos dinamismos que o mesmo Criador colocou nela”¹⁴.
- 3) Uma verdadeira “ecologia do homem” aceita e respeita a natureza humana em todas as suas dimensões, especialmente no corpo, que é um dom de Deus e que tem uma relação direta com o meio ambiente e com outros seres vivos¹⁵. De facto, somos natureza. A natureza tornou possível a nossa existência, depois de milhões de anos de evolução, e nos alimenta através de uma complicada rede que suporta a vida¹⁶. Tornamo-nos humildes e agradecidos, quando nos damos conta do que devemos aos demais e à natureza, para continuarmos a viver.
- 4) Uma visão ecológica fragmentada situa o homem como senhor e dono do mundo, e assim, ferido pelo pecado, viola a sua própria natureza, bem como a natureza em geral¹⁷. A inveja e o egoísmo do homem levam à manipulação do corpo humano, à exploração e exaltação de um sistema socioeconómico injusto, que faz do dinheiro o tirano de tudo¹⁸. O pecado impede o coração humano de sentir o clamor do número crescente de pobres e marginalizados na sociedade e de perceber a difusão das doenças, no solo, na água, no ar e em todas as formas de vida¹⁹.
- 5) Necessitamos de uma mudança de coração, de um novo modo de ver as coisas, de “uma autêntica revolução cultural”, de uma “conversão ecológica”, que nos leve a descobrir a íntima conexão entre Deus e todas as coisas, e nos capacite a escutar, com maior atenção, “o grito da terra e dos pobres”²⁰.
- 6) A opção da Igreja por uma ecologia integral só é credível, quando existe uma “ecologia eclesial” que mantém um sã equilíbrio entre as dimensões hierárquica e carismática da Igreja, juntamente com os diversos carismas e dons, com os quais o Espírito Santo a adorna. Necessitamos de reconhecer os desequilíbrios na “ecologia da Igreja”, que resultam da falta de respeito e aproveitamento da diversidade dos carismas e dons, e da ausência de coesão no trabalho conjunto, para cumprir a missão da Igreja no mundo. Portanto, esforçar-nos por contribuir para o enriquecimento da vida da igreja local, a partir dos nossos dons carismáticos, e por apreciar a beleza de outros carismas e colaborar com eles, na obra de evangelização e na promoção da paz e da justiça no mundo.
- 7) A ecologia integral revela-se na Eucaristia, em que celebramos o mistério pascal de Cristo. O pão e o vinho, frutos da criação, transformam-se no corpo e no sangue de Cristo. A Eucaristia convida-nos a viver em comunhão com o Senhor, com os demais seres humanos e com toda a criação. “A Eucaristia une o céu e a terra e embebe todas as coisas criadas”²¹.

¹³ Cf. MS 7; LS 81, 137.

¹⁴ Cf. Josep M. Abella, *Missionários*, Carta circular à Congregação, (13 de agosto de 2012) 2.1.

¹⁵ Cf. LS 155.

¹⁶ José Cristo Rey, no seu blog *Ecologia do Espírito*, 27 maio, 2015: <http://www.xtorey.es/?p=3276#more-3276>

¹⁷ Cf. LS 2, 8, 6.

¹⁸ Cf. LS 2, 8, 11, 66, 106, 116, 224.

¹⁹ Cf. LS 2, 16.

²⁰ Cf. LS 3, 49, 114.

²¹ LS 236.

A missão claretiana na Igreja e no mundo há de ser entendida dentro da visão de uma ecologia integral, de modo que tanto o nosso estilo de vida como o nosso ministério estejam ao serviço do Reino de Deus. Este prisma ajudar-nos-á a não realizar esforços fragmentários na proclamação da Palavra de Deus.

1.2. Cultivar uma ecologia claretiana

Conta-se que o P. Pedro Schweiger, saudoso Superior Geral, costumava afirmar: “Dentro da Igreja somos uma Congregação suficientemente pequena para que todos nos possamos conhecer uns aos outros, e suficientemente grande para podermos realizar grandes coisas na Igreja”. Caminhamos na história, ao lado dos demais seres humanos e com toda a criação, em ordem à plenitude de Cristo. A nossa vocação claretiana, enraizada na intimidade com Cristo, modela necessariamente o modo de nos relacionarmos mutuamente, com os demais e com toda a criação. Por isso, tratemos com esmero da “ecologia da vida claretiana”, que tem a ver com toda a rede de relações que urdimos e com o ambiente fraterno e missionário, que nos une e mantém a Congregação preparada para o serviço da missão universal²². Quero sublinhar alguns aspetos importantes da “ecologia claretiana integral”:

1. A nossa Congregação é uma família, unida pelo carisma missionário claretiano, que nos mantém em comunhão com toda a Igreja e com outros carismas e formas de vida. Por isso, entre nós não há lugar para o provincialismo, o tribalismo ou o nacionalismo, como o não há para nos isolarmos de outros evangelizadores, na Igreja ou no mundo. A ecologia claretiana desequilibra-se, quando algumas pessoas ou grupos apagam o fogo do amor de Deus nos missionários e atuam contra o bem geral da Congregação. Quanto mais carismática e saudável for toda a Congregação, tanto melhor permitirá que os seus membros vivam a sua vida e missão plenamente. Quanto mais qualificados e comprometidos estiverem os seus membros, maior é a capacidade da Congregação em contribuir para a Igreja e para o mundo.
2. A ecologia integral claretiana exige-nos uma distribuição equilibrada do pessoal e dos recursos na Congregação. Não podemos ficar indiferentes perante o sofrimento ou a debilidade de uma parte da Congregação. A fraqueza ou a doença de um Organismo repercute-se em toda a Congregação, da mesma forma que a enfermidade, que alguns sofrem em relação ao espírito missionário, diminui a qualidade missionária das respetivas comunidades ou províncias.
3. A diversidade de culturas e tradições, entre os claretianos, aumenta a riqueza e a beleza da Congregação. Devemos valorizar e promover a cultura e as tradições dos povos a quem fomos enviados (a inculturação) e abrir espaços para uma verdadeira comunhão nas comunidades interculturais (a interculturalidade), com o fito de reforçar a nossa presença missionária no mundo de hoje.
4. A nossa comunhão com o Senhor, que consolida as nossas relações, requer que acolhamos os outros em missão partilhada, a fim de trabalhar pela felicidade de todos os seres humanos e cuidar da Mãe Terra.
5. A preocupação com a ecologia claretiana exige “sair”, com a mensagem do Evangelho, para as periferias e para as novas fronteiras. Como missionários com Espírito, não podemos permanecer indiferentes perante a situação das pessoas e do meio ambiente. A conversão ecológica abre-nos os olhos para vermos os perigos e as seduções do consumismo descontrolado, da cultura do descartável e da manipulação e desvalorização da pessoa humana, especialmente dos pobres.

²² Cf. CC 86.

6. A ecologia claretiana manifesta-se igualmente no respeito e na conservação da beleza da natureza, nos lugares em que vivemos, e no cuidado da estética das nossas casas, paróquias, instituições educativas e centros missionários. Inclui também a atenção à saúde e higiene de cada claretiano, na sua dimensão física, mental e espiritual, que o tornam um homem de integridade e de erudição.

A visão do mundo como a casa comum, segundo a qual cada criatura tem o seu lugar próprio, ajuda-nos a assumir, humilde e simultaneamente, com alegria e gratidão, o nosso próprio contributo, nesta rede sem fios, que é a criação inteira. O ministério de cada claretiano faz parte da aportação que a Congregação presta à missão que o Senhor confiou à Igreja no mundo. Temos de situar o nosso carisma e a nossa missão neste panorama mais amplo. O lema “pensa globalmente e atua localmente” tem também validade no nosso trabalho missionário. O programa missionário de cada claretiano e de cada comunidade, dentro de um Organismo Maior, há de manter a harmonia com a missão de toda a Congregação, de modo que possamos formar “um só corpo, com diversos membros, em missão”²³. Somente através da transformação de todos, poderemos alcançar uma visão global da vida e da missão da Congregação, que não exclua ninguém do vínculo do nosso amor e serviço.

***Pistas de reflexão:** Como influiu a encíclica “Laudato Si” na tua visão do mundo? Que considerações do Papa te iluminaram mais? Como as aplicarias à missão claretiana? Que medidas temos de tomar para manter viva a “ecologia claretiana”, através da colocação em comum de recursos e pessoal, a fim de revitalizar as nossas missões?*

2. Conversão pastoral: uma Congregação em saída

O apelo central do papa Francisco, na sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*, visa uma conversão pastoral, que inaugure uma nova era de evangelização. Escreve o Papa:

“Sonho com uma opção missionária, capaz de tudo transformar, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se converta num canal privilegiado de evangelização do mundo atual, mais do que um apoio à sua autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral requer, só pode entender-se neste sentido: procurar que todas elas se tornem mais missionárias; que a pastoral ordinária, em todas as instâncias, seja mais expansiva e aberta; que coloque os agentes pastorais em constante atitude de saída e favoreça assim a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus convoca à sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, ‘toda a renovação no seio da Igreja deve tender à missão, como objetivo, para não ficar presa numa espécie de introversão eclesial’”²⁴.

A mudança do coração, em relação às obras apostólicas, só é possível se nos dermos conta de que a nossa vocação não deve olhar para nós próprios, mas para o Senhor e para o seu projeto sobre o povo, especialmente sobre os mais marginalizados. O centro de gravidade passa, então, do eu (a procura do êxito, popularidade ou posição) ao Senhor e ao seu povo.

A consequência imediata da conversão pastoral desagua na disponibilidade para a missão do Senhor. Esta manifesta-se na disposição para “sair do próprio comodismo e atrever-se a atingir todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho”²⁵. Isto faz-me recordar o já sabido: “O barco está sempre seguro no porto; mas não foi para isso que ele foi construído”. O missionário, que se entrincheira numa zona cómoda, dispõe-se a ter a sorte macabra do barco que avaria e apodrece, quando fica parado no porto, durante muito tempo.

2.1. Deslocar-se para as periferias

O vocábulo “periferia” acabou por ser um cartaz em muitos círculos eclesiais, sem se ter captado muitas vezes o seu profundo significado teológico. Para nós, deve constituir um poderoso impulso para o apostolado. A chave para compreender a profundidade do seu significado reside em

²³ MS 47.

²⁴ EG 27.

²⁵ EG 20.

Jesus, como descobriu Claret, e em aprender a sair para fora. A *kénosis* da encarnação (cf. Flp 2,6-11) e a opção de Jesus pelos lugares onde residiu (o presépio e Nazaré), as pessoas que chamou para estarem consigo (pescadores, pecadores, publicanos, cobradores de impostos) ou com quem dialogou e se confrontou (fariseus, escribas, o jovem rico), indicam Jesus a deslocar-se para as periferias. Ele enviou os Doze, numa situação de vulnerabilidade (sem sandálias, sem bolsa, como ovelhas para o meio de lobos). A debilidade dos apóstolos criou um espaço, para que Deus pudesse atuar. Temos de nos deixar orientar pela lógica da encarnação, que nos ensina que uma fraqueza, livremente escolhida, dá-nos capacidade para conhecer a condição dos relegados para uma situação de vulnerabilidade, devido à injustiça e à exclusão, e de caminhar ao lado deles, em busca da libertação.

A imagem que me surge na mente é a de um riacho, que desce o vale, a fim de irrigar as terras áridas. Quando Claret percebeu a sua vocação missionária, partiu para as periferias, a quem se sentia enviado, a fim de saciar os corações humanos famintos e sedentos da Palavra de Deus. Todos sabemos a forma como Claret percorreu a Catalunha, as Ilhas Canárias, Cuba, Madrid e outras regiões de Espanha, proclamando a alegria do Evangelho.

O nosso “êxodo” possui três elementos, que devemos ter em consideração. O primeiro é o amor de Cristo, que nos impele e pressupõe um encontro íntimo com Deus. O segundo é o destinatário, o coração humano, criado para conhecer, amar e servir ao Senhor. O terceiro é o modo “como” nos deslocamos, algo que se aprende se nos abrimos à criatividade do Espírito. O missionário é o amigo do noivo, mas não o noivo. O missionário é enviado em missão, para conduzir a noiva até onde mora o noivo. As virtudes que Claret praticou e que nos convidou a entranhar (a humildade, a obediência, o zelo apostólico, o discernimento, a pobreza, a docilidade, a modéstia e a mortificação²⁶) são indispensáveis para efetuar uma “verdadeira saída” para as periferias.

Todas as nossas posições apostólicas nos convidam a partir para as periferias, onde as pessoas anseiam por palavras e obras de consolação. São certamente as periferias existenciais do sofrimento, da descrença, da dúvida ou do conflito, as que exigem que utilizemos as plataformas mais adequadas. Não avançaremos para as periferias, abandonando acriticamente as atuais posições apostólicas e buscando novas plataformas, levados pelo simples afã da novidade. Subsistem periferias em cada plataforma apostólica. Temos de escutar o apelo de Deus em cada contexto e responder ao profundo desejo de Deus, silenciado no meio do ruído deste mundo. De novo, o ponto chave radica no discernimento.

Alegra-me verificar as iniciativas de alguns claretianos, que tentam lançar mão de novas plataformas e periferias, para testemunhar e anunciar a alegria do Evangelho. Os esforços pela justiça, pela paz e pelos direitos humanos onde estes são desrespeitados, as atividades pastorais em prol dos mais vulneráveis dentro da sociedade, os novos esforços para promover a paz e a reconciliação em contextos sociais frágeis, o acompanhamento dos jovens e das famílias, são algumas destas iniciativas novas. Devemos explorar, nas nossas plataformas tradicionais das paróquias e dos centros educativos, as diversas periferias que necessitam da nossa presença evangelizadora.

2.2. A saída em direção aos jovens e o cuidado das vocações

Temos optado por dar, durante este sexénio, uma importância nuclear à atenção aos jovens e à pastoral vocacional. Com frequência os jovens ficam abandonados nas periferias, deixando o encargo de, por si mesmos, procurarem encher os anseios dos seus corações. As mentes e os corações de muitos ficam facilmente eivados das ideologias do mercado e das falsas ofertas, ao menos durante bastante tempo, até que se dão conta disso. Alguns missionários evitam o contacto com os jovens, por desconhecerem a linguagem que eles utilizam. A melhor comunicação com os jovens é a do amor autêntico e de uma atenção sincera às suas questões, reconhecendo que nós também passamos por essa fase, marcada por uma atitude crítica e pela busca do sentido da vida. Com frequência, sob a capa de uma atitude de rebeldia, ou, inclusivamente, de confrontação, em relação a Deus, o que mostram muitos jovens é um coração humano, que procura afanosamente quem o possa preencher, o

²⁶ Aut 192, 340-453.

Senhor da vida. A exemplo de João Batista, a nossa missão é facilitar o encontro deles com o Senhor. Temos de situar os jovens no lugar cimeiro dos nossos corações. Sempre que seja possível, devemos procurar “sair ao seu encontro, caminhar com eles e possibilitar que escutem o chamamento de Jesus”²⁷. Não instalemos a pastoral juvenil nas periferias de nosso trabalho pastoral.

Com gosto promovemos e damos as boas vindas aos homens e mulheres, a quem Deus chamou para se unirem à nossa Congregação e a outros ramos da Família Claretiana. Um jovem começa a lançar-se interrogações vocacionais, quando se sente atraído pela beleza da vida missionária, levada a cabo por um claretiano, com alegria e fidelidade. Portanto, cada claretiano pode promover ou dissuadir as vocações, de acordo com a qualidade da sua vida missionária. O ministério vocacional não depende tanto de técnicas ou estratégias para que as pessoas se unam a nós, mas de “ajudar alguém a conhecer o Senhor e a responder ao chamamento d’Ele”. Portanto, necessitamos de “sair da sacristia e de levar a sério as questões e preocupações dos jovens”²⁸. Podemos aprender a arte do encontro no exemplo de Jesus, que se aproximou dos discípulos, através da sua vida quotidiana e os convidou, sem lhes fornecer falsas promessas. Pessoas, como o jovem rico (Mc 10,21-22), consideraram o convite de Jesus demasiado exigente e recusaram-no. Outros não O seguiram, quando isso significava arriscar a vida por Ele (Jn 6,66). Como Jesus solicitou aos discípulos, peçamos diariamente ao Senhor da messe que envie trabalhadores para o seu campo (Lc 10, 2). Convido, pois, os Organismos Maiores a multiplicar os esforços, para atingir os jovens que mostram sinais vocacionais de pertencer à nossa Congregação. Na pastoral vocacional, devemos ter o cuidado de não aceitar os candidatos indiscriminadamente no programa de formação, sem um discernimento sério.

2.3. A evangelização dos evangelizadores

Claret prestou uma atenção especial à preparação dos evangelizadores, a fim de multiplicar os frutos da missão. A fundação da Congregação foi uma dessas muitas iniciativas. Ao longo da história congregacional, os claretianos foram chamados frequentemente a formar sacerdotes, seminaristas, religiosos e evangelizadores leigos. Os Institutos de Teologia da Vida Consagrada, de que dispomos em diversos continentes, proporcionam-nos a oportunidade de capacitar e apoiar a força evangelizadora da vida consagrada, no seio do povo de Deus. Esta plataforma missionária que visa acompanhar e qualificar os evangelizadores, de modo especial os religiosos e missionários leigos, é uma das periferias em que devemos continuar presentes, com a devida preparação.

Necessitamos de uma nova visão dos leigos, como presentes e potenciais agentes de evangelização. É importante tomar consciência de que cada família é uma escola de fé e de amor. A mesa familiar é um altar que proporciona aos pais a oportunidade de anunciar o Evangelho. O mesmo podemos dizer das aulas e dos pátios onde os professores ou os treinadores se convertem em apóstolos destes novos areópagos. Temos de os acolher e formar, como apoiantes e criadores da geração jovem da Igreja. O projeto das nossas escolas bíblicas deve centrar-se na formação destes evangelizadores, no seio da família, nas aulas, nos pátios de recreio e nas ruas.

2.4. Evangelização, no continente digital e na área das publicações

Outra força evangelizadora na Congregação é constituída pelos missionários que se dedicam às publicações e aos meios de comunicação social, que estão a atingir milhares de irmãs e irmãos, com quem nunca será possível um encontro pessoal. Claret teve um especial interesse em utilizar estes instrumentos, para veicular a mensagem do Evangelho. Dentro do contexto da mudança de hábitos, quanto à leitura e aos meios de informação, devemos procurar adaptar-nos continuamente a esta nova realidade. Teremos igualmente de concertar as nossas forças nesta área, para apoiar novas iniciativas, nos Organismos jovens da Congregação.

Pistas de reflexão: *Quais são, no teu contexto próprio, as periferias existenciais, onde moram as pessoas que buscam a consolação de Deus? De que necessitas, a fim de te dispores a ser enviado*

²⁷ MS 68.

²⁸ Papa Francisco, *Discurso, na Conferência sobre Promoção das Vocações*, (21 de outubro de 2016).

para qualquer missão da Congregação? Como vêes a situação dos jovens, no teu contexto missionário? Sentes-te preparado para acompanhar outras pessoas, no respetivo crescimento espiritual?

3. Conversão pessoal e comunitária

É conveniente refletir conjuntamente sobre a conversão pessoal e comunitária, porque ambas agem como o fermento que produz uma transformação mútua. A permanente atitude de conversão é o cerne da vocação missionária. Uma comunidade evangelizadora fomenta a conversão pessoal, assim como a conversão pessoal de cada um transforma a comunidade. Pelo contrário, uma comunidade inconsistente deita a perder os processos de crescimento e de conversão pessoal dos seus membros, da mesma forma que as pessoas incoerentes podem causar grandes dificuldades, tanto a nível de vida comunitária como de apostolado. Temos de criar as condições necessárias para que a vocação dos missionários possa florescer, onde estiver sediada. Possuímos pessoas estupendas na Congregação, mas algumas delas permanecem, durante longo tempo, embaraçadas por alguns problemas, no processo de crescimento pessoal. Gostaria que cada um delas pudesse chegar a consagrar o melhor de si mesmas ao serviço do Senhor, como uma borboleta que abandona definitivamente o seu casulo.

3.1. Comunidade de testemunhas e de mensageiros

O processo de transformação exige mudanças radicais no modo como vivemos as nossas relações no seio da comunidade, na forma como exercemos a autoridade e administramos os bens temporais. São necessárias relações transformadoras, que ajudem a transitar de um sistema centrado no “ego” (que se preocupa apenas com o bem-estar pessoal) para uma “consciência comunitária” (que se preocupa com o bem-estar de toda a comunidade, que obviamente inclui cada um dos seus membros). Esta mudança só será possível, através de uma comunicação aberta, do diálogo e da criatividade de todos²⁹.

3.1.1. Criar a comunidade-missão

As comunidades que Claret promoveu, em ordem à evangelização, eram comunidades-missão (casa-missão). O que as caracterizava era a circunstância de todos os seus membros viverem estritamente em comum e saírem regularmente para trabalhar no sagrado ministério³⁰. Claret preparou um grupo de jovens sacerdotes, para “responder ao forte desejo do povo de ouvir a Palavra de Deus³¹”. A primitiva comunidade claretiana organizou-se de tal forma que dispunham de um tempo em que, permanecendo juntos, se ajudavam mutuamente no crescimento espiritual e intelectual, a fim de poderem depois pregar a Palavra de Deus ao povo. Devemos conservar esta visão integral do Fundador, no tocante à organização da comunidade, para sermos eficazes na missão. Temos tido maravilhosas comunidades, que prestaram um testemunho inspirador de amor fraterno e de serviço missionário efetivo ao povo.

Às vezes, algumas dinâmicas comunitárias imaturas impedem-nos de ser testemunhas credíveis do amor evangélico, perante as pessoas com quem partilhamos a missão. Um destes dinamismos tem a ver com os destinos. Quando um superior novo não sabe utilizar os seus talentos pessoais para construir sobre o passado, pode tentar impor as suas preferências pessoais à vida comunitária e ao exercício da missão. Nestes casos, a missão programa-se repetidamente, uma e outra vez, de acordo com a personalidade do superior de turno. Há mesmo comunidades, em que as diferenças entre os respetivos membros provocam uma espécie de “fogo amigo”, que anula a vida e a missão da comunidade. Temos de chegar àquela maturidade, que nos permita colocar as diferenças pessoais e os talentos de cada um ao serviço do bem da comunidade-missão e continuar a construir sobre os êxitos alcançados por aqueles que nos precederam e se empenharam, antes, nessas tarefas.

²⁹ Cf. MS 70.

³⁰ Cf. *Aut* 491.

³¹ Cf. Carta de Claret ao núncio apostólico (12 de agosto de 1849).

3.1.2. *Transformação no governo da Congregação*

A maioria dos missionários possui alguma responsabilidade na esfera do governo ou da liderança, seja dentro da Congregação ou noutras entidades. Penso nos superiores locais e provinciais, nos seus consultores, nos diretores de diversas instituições, nos párocos, etc. A conversão pessoal afeta o modo como entendemos e exercemos a autoridade e a liderança. Todas as posições de autoridade na Congregação são postos destinados a promover a comunhão e a união de todos os membros, para o serviço da missão³². Temos de aprender a arte de canalizar a capacidade dos indivíduos, em ordem a prestar uma contribuição significativa e fecunda à configuração do futuro da Congregação.

O Capítulo Geral convidou os que exercem o serviço da autoridade a discernir e a agir, segundo o coração de Deus, acompanhando as pessoas e promovendo um empenhamento apostólico criativo³³. Muitos Organismos Maiores conseguiram atingir um nível razoável de maturidade coletiva, que mantém a orientação dentro dos quatro princípios de governo, a saber: subsidiariedade, subordinação, colaboração e correção fraterna. Quando o princípio de subsidiariedade não é convenientemente afirmado, sofre a fidelidade criativa dos indivíduos, no exercício de levarem a cabo as suas responsabilidades. Quando a função dos superiores é minimizada ou ignorada, a missão da Congregação converte-se num somatório de ministérios pessoais, sem qualquer unidade orgânica entre a vida e a missão. Infelizmente, há locais onde os missionários não são testemunhas de comunhão, devido à falta de maturidade religiosa para aceitarem a função dos superiores. A colaboração entre os diversos serviços comunitários e a prática da correção fraterna são meios importantes para garantir um governo participativo e compassivo, na Congregação.

Estamos acostumados a deixar que o passado determine as nossas ações presentes. Avaliámos as nossas experiências, aprendemos com os nossos erros e trabalhamos para melhorar a nossa atuação atual. Frequentemente esquecemos uma dimensão importante do governo espiritual, que supõe a abertura para sermos norteados pelo futuro, ainda desconhecido, que criamos, em conjunto com o Espírito do Senhor. Isto requer que ultrapassemos os modelos do passado e demos asas ao espaço contemplativo e à fonte de criatividade que reside dentro de nós, que é onde o Espírito do Senhor faz surgir projetos criativos, com vista à nova evangelização. Como disse acertadamente o Mestre Eckhart, “o que plantarmos no terreno da contemplação, vamos recebê-lo na colheita da ação”.

3.1.3. *Transformação, no uso do dinheiro e dos recursos económicos*

Uma transformação autêntica revela-se com maior clareza na maneira como apreciamos os valores do Reino e nos relacionamos com os bens temporais, com espírito de pobreza religiosa. Todos os bens materiais e espirituais com que contamos são para o bem da comunidade e do povo de Deus. Portanto, a comunicação de bens, a administração responsável dos nossos bens para atender as necessidades dos irmãos e da missão, a abertura para partilhar os nossos recursos com os pobres e os necessitados, são aspetos fundamentais da nossa vida missionária. A simplicidade na vida pessoal e comunitária, que se alegra com a chegada do Reino e renuncia a qualquer apego às coisas deste mundo, permite-nos viver, com alegria e liberdade, a nossa consagração ao Senhor. Não necessitamos da maioria das coisas, que a gente anseia possuir. A simplicidade de vida mantém-nos longe da esfera da cobiça, em que outros nos poderiam comprar ou controlar com dinheiro, prendas, remunerações, posições sociais e promessas. A simplicidade de vida protege a nossa liberdade profética e coloca-nos próximos do povo de Deus, de todas as categorias sociais. Quando vivemos a pobreza, tanto real como no Espírito³⁴, podemos identificar-nos com cada ser humano, como o fez Jesus, graças a um amor que dá tudo. É desafiante contemplar tantos missionários nossos, que regressam à casa do Pai, cheios de alegria, depois de terem vivido com simplicidade e em pobreza, sem qualquer tipo de pertences pessoais.

³² Cf. CC 103, 113.1, 136.

³³ Cf. MS 72.

³⁴ Cf. CC 38.

Quando retemos para nós próprios os recursos com que contamos, seja no âmbito da Província ou da Delegação, ou na vertente comunitária ou pessoal, estamos a enveredar pelo caminho que conduz à apetência de possuir, à fome de estatuto, à inveja e à amargura. O princípio “se não há dinheiro, não se pode levar a cabo a missão” vai contra a pobreza que apoia o zelo apostólico. Não há soma de dinheiro que se possa igualar a um coração missionário, cheio de zelo e trabalhador do Reino. Penso na Madre Teresa de Calcutá e em tantos outros Fundadores, que levaram a cabo grandiosas coisas na Igreja, porque confiaram totalmente no Senhor, e Ele providenciou-lhes o necessário para a missão. O nosso Fundador não mostrou qualquer apego ao dinheiro, e usou com liberdade, em ordem ao anúncio do Evangelho, tudo o que recebeu³⁵. Uma preocupação excessiva pela segurança económica é sintoma de que o Evangelho não é a luz que norteia os nossos passos. A nossa solidariedade para com os pobres é verdadeira, quando o dinheiro, que gastamos connosco, encontra uma correspondência razoável com o tipo de vida das pessoas que nos rodeiam.

A forma claretiana de se relacionar com os recursos pessoais ou comunitários (tempo, talentos, dinheiro e coisas materiais) consiste em considerá-los como meios para levar a cabo a missão, partilhando-os para o bem comum e para o serviço dos pobres. Inclusivamente, quando lançamos alguns projetos que nos permitem obter ingressos económicos para o sustento dos nossos missionários e para apoiar as missões necessitadas, temos de os gerir com o mesmo espírito de serviço à Igreja e à Congregação. Transparência e responsabilidade, no uso dos recursos dos recursos, e prestação de contas, são a marca que distingue um missionário, cheio de alegria.

***Pistas de reflexão:** Que dons proporcionas à comunidade, a fim de enriquecer a sua vida e promover a sua missão? Que mudanças achas necessárias, no estilo de liderança e na administração dos bens temporais, para sermos testemunhas dos valores evangélicos que anunciamos? Que vais aportar, tu, nesse sentido?*

3.2. Adoradores de Deus, em Espírito

O papa Francisco convidou os claretianos a serem homens que adoram o Senhor³⁶. Explicou que não se tratava somente de recitar orações ou, inclusivamente, dar graças, mas de se situar na presença do Senhor. Como claretianos, temos de criar este espaço contemplativo nas nossas vidas, um âmbito onde possamos apresentar-nos, com total transparência, perante o Senhor, que nos ama e nos faz sentir chamados a sair para as periferias, a fim de testemunharmos a alegria do Evangelho. Claret viveu esta arte da adoração, com especial intensidade, quando recebeu a graça da presença eucarística, no seu coração³⁷. Estamos convidados a crescer na consciência da presença de Deus em nós, quando orarmos, trabalharmos ou sofrermos. Como missionários, o nosso primeiro contributo, prestado à missão da Igreja, é o de aprofundar a dimensão teológica da nossa vida³⁸.

3.2.1. Cultivar a espiritualidade missionária

Quando falamos de espiritualidade claretiana, abordamos a nossa identidade, de acordo como Deus nos vê e ama. Descobrimos a nossa identidade missionária, quando nos damos conta de que o Senhor nos chamou para estar com Ele e para nos enviar em missão (cf. Mc 3,13). Somos capazes de irradiar a alegria do Evangelho aos demais, se encontrarmos dentro de nós próprios a alegria do amor de Deus. Se nos encerrarmos no recanto ilusório do nosso “ego”, que se identifica com as características físicas ou sociais (beleza física, raça, popularidade, estatuto, protagonismo, etc.), resultará difícil descobrir a imagem de Deus em nós próprios e nos demais, e a missão vai limitar-se a um conjunto de ações sociais filantrópicas. Temos de conhecer e de amar com mais profundidade o nosso Padre Fundador e o nosso carisma, a fim de podermos amar e viver a nossa própria vocação missionária. A Prefeitura Geral de Espiritualidade está a preparar o “Ano Claretiano”, como uma

³⁵ Cf. *Aut* 133, 200, 360, 361, 771.

³⁶ Papa Francisco, *Saudação aos participantes no XXV Capítulo Geral*, (11 de setembro de 2015).

³⁷ Cf. *Aut* 694.

³⁸ Josep M. Abella, *Missionários* 2.1.

iniciativa congregacional, que nos ajude a aprofundar o conhecimento do P. Fundador e da nossa herança espiritual.

Há alguns momentos especiais, no caminho da conversão ao Senhor. Em diferentes momentos desta fase, caem-nos as escamas dos olhos, permitindo ver os demais e o mundo, através do olhar de Deus. Muitos muros se desmoronam, imensos preconceitos sobre as pessoas se desvanecem, e o nosso coração missionário é capaz de contemplar a sua verdadeira efígie, o rosto do Senhor crucificado. O compromisso missionário é uma consequência natural da nossa experiência de Deus. A vida de Claret é um exemplo perfeito do nosso caminho espiritual. Temos de cuidar da nossa vocação claretiana e de crescer na identidade missionária e no sentido de pertença à Congregação, como parte do processo de transformação. Recomendo encarecidamente a cada claretiano que zele pelo seu desenvolvimento espiritual e se sirva da ajuda de um diretor espiritual ou de outros meios disponíveis na Igreja³⁹. O programa “A Frágua” tem vindo a oferecer a oportunidade de uma renovação claretiana àqueles missionários que desejaram uma experiência de renovação, após muitos anos de trabalho missionário. Vamos procurar facilitar esta experiência a outros claretianos, como parte do seu programa de formação permanente, especialmente por ocasião da celebração das bodas de prata da respetiva profissão.

3.2.2. A vocação missionária, como um apelo transformador do Senhor

A nossa vocação começa com uma experiência de conversão. O encontro com Jesus e o seu Evangelho é seguido pela experiência do chamamento a segui-l’O. Para muitos de nós, este apelo supôs uma mudança total no projeto de vida, que nós mesmos e os nossos pais havíamos pensado. Mas, abriu, simultaneamente, um novo horizonte insuspeito, na nossa vida. Muitos de nós experimentamos o que disse Blaise Pascal: “O coração tem razões, que a razão não entende”. O resto da nossa vida terá que se adequar à nova orientação, segundo o que o nosso coração vá percebendo. O caminho vocacional leva-nos a conhecer “a latitude e a longitude, a altura e a profundidade do amor de Cristo, que excede todo o conhecimento” (Ef 3,18), e a aprender a ver-nos e a olhar os demais e o mundo, através da ótica do Evangelho. Cada um de nós possui uma história vocacional única, que implica destruir e construir, arrancar e plantar. Muitos dos nossos companheiros abandonaram a vocação claretiana; porém, algo nos manteve no caminho escolhido. Os processos de discernimento vocacional e a formação dos nossos candidatos hão de ter em conta, seriamente, a experiência pessoal de Deus e a sua tradução progressiva, num compromisso missionário.

A conversão pessoal, através do encontro com a pessoa de Jesus Cristo e de uma razoável consciência do chamamento de Deus à vida missionária, é necessária para iniciar o processo formativo na Congregação.

3.2.3. A formação, um processo permanente de transformação

A formação missionária é um trajeto que nos leva a ser uma nova criação em Cristo. O eixo, sobre o que gira o processo formativo, é o apelo de Cristo e a resposta generosa que o vocacionado dá, com a ajuda da graça. Temos o exemplo do nosso Fundador. A sua vida mostra o poder transformador do amor de Cristo num jovem, cuja vida chegou a ser um testemunho poderoso da alegria do Evangelho.

Cada formando, que entra nos nossos centros de formação, é um precioso dom de Deus. Devemos dar-lhe as boas-vindas e acompanhá-lo no seu itinerário formativo, com o coração do Senhor, que formou os seus discípulos para estarem com Ele e os enviar em missão (Mc 3,13). Quando pedimos a um formando que abandone a formação, depois de um razoável discernimento, fazemo-lo por amor ao bem real da Congregação e do próprio formando. Na formação permanente, temos o modelo de Jesus, que acompanhou os discípulos pelo caminho de Emaús, empenhando-os num diálogo de busca interior. Ele ajudou os discípulos, que estavam para renunciar à missão, a redescobrir a sua vocação e a regressar à comunidade apostólica (Lc 24,13-35).

³⁹ Cf. CC 54.

Sabemos que um projeto formativo, que privilegie a informação e o aspeto intelectual, não ajuda a descobrir o tesouro que reside dentro de cada um e que é escondido aos sábios e prudentes, e revelado aos pequenos (cf. Lc 10,21). Não é possível a transformação, sem se abrir à presença de quem está presente no fundo dos nossos corações, o Espírito do Senhor ressuscitado, que nos chama à missão e nos acompanha. A formação é um processo de transformação em Cristo, que deve durar toda a vida e abarcar o coração, a cabeça e as mãos. O programa formativo tem de possibilitar processos de “crescimento” em todas as dimensões da personalidade, para poder atingir uma maturidade integral (cf. Lc 2,52) e ajudar a despertar espiritualmente, para se revestir do homem novo (cf. Ef 4,24; Col 3,9-10; Rom 8,12-13; Mt 9,17). Este processo requer destruir e construir, morrer e ressuscitar; dito de outra forma: assume o Mistério Pascal de Cristo.

Formados pelo mistério pascal, aprendemos a ver os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs, através dos olhos de Deus, e a amá-los com um coração compassivo. Deste modo, poderemos levar, à nossa oração comunitária e às nossas liturgias, as alegrias, os sofrimentos, as tristezas, os desafios, os rostos e a verdadeira vida das pessoas. A nossa atividade pastoral será capaz de comunicar a misericórdia de Deus ao seu povo. Portanto, a nossa formação estará orientada para a missão, quando superar a dicotomia entre a contemplação e a ação, entre a formação inicial e a contínua. Seremos místicos, na missão.

Muitos problemas comunitários e lutas pessoais dos missionários estão relacionados com problemas em torno do “ego”, que não foram superados, nem sequer após muitos anos de formação e de experiência pastoral. Parece que não somos capazes de romper o dique do “ego” e entrar na fonte do amor que nos habita. Pode ser que o motivo esteja em que não nos preocupamos suficientemente com abrir espaços contemplativos na nossa vida, que nos permitam chegar até aí. Muitos não são capazes de se manter firmes, no meio das tormentas e tempestades que aparecem nas relações interpessoais e no ministério, e de crescer espiritualmente, no meio destas provas. Pelo contrário, cedem ao cansaço, e outros optam por “se salvar a si mesmos”, abandonando a Congregação. Os processos formativos hão de ajudar os missionários a carregar com as cruzes, os sofrimentos e os momentos de obscuridade da vida. Não devemos deixar de apresentar um Evangelho, onde se sentem presentes a Cruz e a renúncia jubilosa.

Um caminho importante, que estamos chamados a percorrer na nossa Congregação, é o da interculturalidade⁴⁰. É um testemunho profético, num mundo que procura a unidade na diversidade. Neste sexénio, esforçar-nos-emos especialmente para continuar a crescer, no caminho da interculturalidade.

***Pistas de reflexão:** Quais são as prioridades, na tua vida missionária? Como as manténs e executas? Como cuidas do crescimento permanente, na tua vocação missionária?*

III TENTAÇÕES E DOENÇAS ESPIRITUAIS, QUE AFETAM A NOSSA VIDA E MISSÃO

Em várias ocasiões, o papa Francisco indicou as tentações e enfermidades, a que sucumbem tantos missionários e agentes pastorais, e que provocam perdas de zelo missionário⁴¹. É conveniente identificar as tentações e as doenças que debilitam o nosso zelo missionário e o empenhamento jubiloso. Aponto algumas das mais importantes:

1. Mundanidade espiritual

O papa Francisco apontou a ameaça da mundanidade, que ataca a Igreja e a afasta da sua verdadeira missão⁴². Quando são as atitudes mundanas que motivam o nosso ministério e o serviço

⁴⁰ Aquilino Bocas, *A obrigada via da interculturalidade*: Annales 65 (2001) 60-83.

⁴¹ EG 76-109. Também o discurso do Papa à Cúria romana no 22 de dezembro de 2014.

⁴² EG 93-95. Henri de Lubac usou esta palavra para indicar o perigo mais forte numa igreja missionária.

ao povo de Deus, estamos contaminados pelo vírus da mundanidade espiritual. Sob a bela aparência da glória de Deus, escondemos o nosso desejo de glória humana e de comodidades. O que realmente conta, neste pressuposto, é o êxito, o estatuto, o apreço, a ganância e o conforto, e não a dedicação, a entrega pessoal, a verdade, a bondade e a cruz de Cristo. A mundanidade espiritual impede-nos de valorizar e celebrar a bondade da Criação, com a liberdade dos filhos de Deus. Apresenta-se com o seu encanto angélico e aparece em cores vivas, no momento da prova e do sofrimento, porque a mundanidade separa o sofrimento e a obediência do Mistério pascal de Cristo. Há vestígios de mundanidade espiritual entre nós, que se manifestam no:

1.1. Clericalismo

Este embacia a beleza da vocação sacerdotal, servindo-se dela para aumentar a própria glória e a superioridade, em relação a outras formas de vida na Igreja, em lugar da entrega da própria vida ao serviço dos demais. Pode inclusivamente desonrar as ordens sagradas, utilizando a posição eclesiástica para mandar sobre os demais e menosprezar a vocação dos irmãos da Congregação. É muito difícil manter a verdadeira dimensão da vocação sacerdotal, nas culturas que concedem ao sacerdote um estatuto acima dos demais, na escala social. O desafio é responder à confiança e carinho que as pessoas depositam nos sacerdotes e nas pessoas consagradas, sendo autênticos pastores e servidores, segundo o coração de Cristo.

1.2. Carreirismo

Outra forma de mundanidade manifesta-se quando se procura o prestígio pessoal, obtendo posições de liderança nas instituições, reclamando especializações para satisfazer interesses pessoais e negociando, para obter postos de governo na Congregação. A formação, clara ou encapotada, de grupos, baseados na identidade linguística, regional ou étnica, e os conflitos que isso ocasiona nalgumas partes da Congregação, põe a nu, com frequência, o desejo de promover interesses pessoais ou grupais, mas nunca a glória de Deus e a salvação das almas. Sem ter clara consciência disso, alguns caem na mundanidade, e sacrificam o seu tempo, a sua energia e a própria vida, no altar da cobiça do poder e de posições, ficando sempre insatisfeitos. A alegria de se entregar a Cristo, e ao seu povo, é alheia às manobras dos que tentam encher o vazio do coração com o poder, os postos ou as coisas. O carreirismo tenta preencher o vazio do coração humano, que só Deus pode locupletar.

1.3. Vanglória

Outra forma de mundanidade espiritual é o falso orgulho, derivado da eficiência no desempenho do ministério próprio ou no prestígio da Congregação, comparando-se com outros agentes de evangelização. A afirmação da nossa identidade carismática, em contraste com a de outros, pode ser que ajude a uma subida de nível do “ego coletivo”, acentuando e apontando os êxitos, as estatísticas, as presenças internacionais, etc. Contudo, isso impede-nos de contemplar a beleza da ação do único Espírito, em cada pessoa e em cada realidade carismática na Igreja, e de celebrar a unidade fundamental que nos une a todos, numa única família de Deus. A vanglória é diferente do legítimo orgulho e da alegria que o missionário sente, ao ver o bem que a Congregação realiza, na Igreja e no mundo.

1.4. Pessimismo

O pessimismo é outra forma de mundanidade, que aflora em muitos missionários que se gloriam do passado, veem o decréscimo do número de vocações, e observam, com um olhar pessimista, como se vão fechando posições e cresce a média de idade dos membros do Instituto. Leem as estatísticas e as análises sociológicas e preveem um futuro incerto para a Congregação e para a vida consagrada. Para eles, a bênção do Senhor somente se pode manifestar, do mesmo modo que Ele o fez, quando eles eram jovens. Estão perturbados, perguntando-se porque é que o Senhor permitiu a decadência da Igreja e tudo o que está a ocorrer no mundo. Quando a história atual se desvincula da história da salvação, perdemos a visão de fé da história humana e fechamo-nos numa visão

sociológica, que prediz um futuro incerto. O pessimismo fecha a mente e o coração, e impede-nos de acolher e de trabalhar em conjunto o futuro, que o Senhor nos pede.

1.5. Mentalidade mercantil

Trata-se de projetar e desenvolver as atividades apostólicas, a partir de um estilo de gestão empresarial, como se tratasse de um negócio, criado para obter benefícios. É verdade que necessitamos da sabedoria das ciências sociais e dos princípios de uma boa gestão e organização, para gerir as nossas instituições e projetos, de uma forma adequada. Contudo, o objetivo de todas as nossas posições missionárias vai para além de uma gestão excelente e da procura de vantagens institucionais. O desafio é manter o objetivo fundacional, que brota da nossa identidade missionária na Igreja. Temos de avaliar a nossa fidelidade ao Evangelho, mais do que o prestígio social que advém de termos instituições de renome. Isto corrige-se através da mística, que anima estes trabalhos e da atenção que prestamos ao bem-estar integral dos destinatários da missão e ao desenvolvimento de uma relação que ajude a crescer os nossos colaboradores.

1.6. Posição social

Em contextos onde o missionário é tido em grande estima e existe uma tradição que mantém “presenças decorativas” nas celebrações e em diversos atos, podemos perder-nos nas aparências, reuniões, festas, refeições e receções. Quando se dá prioridade a este tipo de funções, fica pouco tempo para a responsabilidade primeira, que é o anúncio do Evangelho do amor e da misericórdia ao povo de Deus, especialmente aos pobres. A mundanidade promove uma “cultura da comodidade”, no nosso modo de vida. Por isso, a renúncia gozosa às comodidades e carregar com a cruz de Cristo não fazem parte da “boa vida”, com que um “missionário mundano” sonha, após ter concluído o período da formação inicial.

2. Ativismo e indolência

É um vírus que afeta o missionário, quando abandona a vida de oração, para ter mais tempo para a sua preenchida agenda apostólica. Muitos ficaram surpreendidos, ao saber que o papa Francisco pediu aos claretianos para dar prioridade à adoração do Senhor. Disse também que era uma deficiência da Igreja de hoje. Corremos o perigo de desempenhar muitas atividades apostólicas, com um coração vazio, quando não dedicamos tempo ao Senhor. Se o fogo do Espírito não brilha nos nossos corações, não poderemos ser missionários, cheios de fervor, alegria, generosidade, audácia, amor gratuito e atração⁴³. O papa Francisco sublinhou a necessidade de recuperar o espírito contemplativo, para apreciarmos os tesouros que Deus nos confiou e os partilhar com os demais⁴⁴. O vírus do ativismo provocou, em muitos claretianos, a perda da vocação. Ação sem contemplação é como fogo de artifício: depois de se exhibir no ar, cai no chão e fica reduzido a cartuchos vazios.

Talvez o impacto, que mais danos causa ao espírito missionário de uma comunidade, provenha de missionários pouco motivados, que se contentam com o mínimo e, além disso, criticam os membros da comunidade que mais trabalham. Quando um missionário sucumbe a uma espécie de letargo e faz pacto com a mediocridade, na sua vida e missão, é normal que as diversões e as adições ocupem o seu coração e o afastem da alegria do compromisso missionário. Perante esta situação, deveremos fazer os impossíveis para ajudar este missionário a recuperar o seu “amor primeiro pelo Senhor” (cf. Ap 2,4). O compromisso pela qualidade e pela dignidade, em tudo o que fazemos, é um modo de manifestar a alegria e a gratidão pela nossa vocação claretiana.

3. Mundanidade digital

⁴³ Cf. EG 261.

⁴⁴ Cf. EG 264.

O novo continente da internet e de outros meios oferece-nos uma plataforma estupenda de evangelização e de coordenação de iniciativas, para bem da humanidade e do planeta. Mas, sem uma adequada educação para o uso desses meios e de uma maturidade pessoal, podemos cair naquilo que o papa Francisco denominou como “mundanidade digital”, que se fecha e abre com um simples clique⁴⁵. Em lugar de utilizar esta plataforma para a evangelização e de criar fraternidade, alguns passaram a ter o vício da internet, buscando a própria satisfação ou o simples entretenimento. As comunidades e amizades virtuais vão substituir as comunidades e os companheiros reais. Hoje em dia, missionários, destinados a outro país ou continente, podem continuar a viver virtualmente na sua própria cultura, falar a sua língua nativa e passar a maior parte do tempo a ver filmes do seu país natal ou a comunicar com os amigos da sua própria nação. Um missionário pode passar horas e horas, vendo páginas ‘web’ de todo o tipo, o que o impede de se dedicar a conhecer, amar e servir o povo a quem foi enviado. Meios de comunicação social, como *WhatsApp* e *Facebook* podem ser uma ajuda efetiva para manter pontes de comunicação entre nós. Contudo, às vezes abusa-se destes meios, para promover interesses partidários e vingar-se de outras pessoas. Temos de crescer na transparência e prudência, no uso da internet, e educar-nos para usar melhor esta plataforma, como evangelizadores, e não como simples consumidores.

Com o objetivo de evitar a excessiva dispersão e oferecer uma proposta evangelizadora de qualidade, teríamos de fomentar a colaboração entre as nossas principais páginas ‘web’ e outros serviços digitais, que a Congregação tem em diversas partes do mundo.

4. Murmuração

O vírus da murmuração espalha-se com muita facilidade, como o fogo, através das mensagens nos meios de comunicação. Debilita a vida fraterna nas Províncias, mancha o bom nome dos irmãos e oferece o execrável prazer de falar mal dos demais. A murmuração contamina o coração, da mesma forma que a água estagnada pode envenenar a água que brota de um poço profundo. A murmuração alimenta-se da inveja e dos ciúmes, e causa divisões entre os irmãos. O papa Francisco advertiu repetidamente os religiosos para as doenças da murmuração, das queixas e das vinganças, que destroem a vida fraterna. Convidou os religiosos a protegerem-se contra o “terrorismo da murmuração”⁴⁶. Necessitamos de nos afastar conscientemente da murmuração e de propalar rumores. Pelo contrário, temos de nos esforçar por falar bem dos demais e procurar praticar a correção fraterna, dirigindo-nos, com sinceridade, diretamente às pessoas interessadas.

5. Individualismo pastoral

Esta é seguramente a tentação mais presente na vida de muitos missionários. Muitos sentem-se bem, trabalhando a sós, com o apoio de pessoas de fora, submissas. Quantas comunidades são apenas residências para missionários, que levam a cabo a sua missão, individualmente! Estão na comunidade, como batatas que permanecem dentro do mesmo saco, desligados dos demais, ainda que morem sob o mesmo teto. O individualismo pastoral é tentador, porque, no início, parece eficiente e facilita decisões rápidas, tomadas sem a demora que supõem os processos de planificação, discernimento e tomada de decisões em comum. Constitui também um modo de se evadir do peso que as reações e correções dos irmãos podem trazer. Contudo, perde-se a oportunidade de aproveitar a sabedoria dos outros membros da comunidade, e não permite a estes participarem e sentirem-se corresponsáveis do apostolado. Provoca também a falta de continuidade na missão, quando tem lugar uma mudança de pessoal. Recordo-me de um provérbio africano, que diz: “Se queres chegar depressa, vai sozinho. Se queres chegar longe, caminha com outros”. Poderemos evitar o individualismo pastoral, somente se o centro de gravidade do nosso apostolado passar da busca da “glória pessoal” ao intuito da “glória de Deus”, de procurar a realização pessoal a colocar-se ao serviço do povo de

⁴⁵ Cf. Papa Francisco, *Homilia na Missa crismal*, (24 de março de 2016).

⁴⁶ Papa Francisco à Conferência de Superiores Maiores de Itália, (7 de novembro de 2014).

Deus, de alcançar alguns objetivos imediatistas a transformar-se num serviço que se prolongue pelo tempo fora.

6. Pensamento dualista e racionalismo excessivo

A tendência a ver e julgar tudo, segundo parâmetros do branco-negro, bom-mau, verdadeiro-falso, amigo-inimigo e moral-imoral, torna difícil uma vida comunitária jubilosa e relações autênticas. Inclusivamente, antes de se conhecer uma pessoa ou de entender o que se está a passar, já se julga a favor ou contra. Esta carta circular, por exemplo, não atingirá a sua finalidade, se somente for analisada e estudada, sob o prisma da sua ortodoxia. Alcançá-la-á, se for acolhida como um questionamento, que convida a viver a alegria da vocação missionária. Dentro do espaço fraterno, que supõe esta carta, há lugar para procurar esclarecimentos, corrigir erros e a enriquecer com importantes contributos de todos os missionários.

Um pensamento dualista impede de ver o quadro na sua totalidade, recusa a sabedoria de uma perspectiva diferente e fecha a porta que nos abre a descobrir as surpresas de Deus na nossa história. As ideias dividem e as ideologias tendem a destruir quem as não aceita. O Espírito do Senhor une os nossos corações e mantém as nossas diferenças, provocando uma tensão criativa que facilita o crescimento. O pensamento crítico é um dom que Deus concedeu aos seres humanos, para os proteger do subjetivismo ingénuo. A razão é uma boa companheira, que ajuda a procurar a verdade e a bondade, mas converte-se numa má mestra, quando usurpa da vida humana o espaço da fé, o mistério e a transcendência. Os missionários fazem bem, se, como Maria, contemplarem o mistério da ação de Deus na sua vida e cooperarem com o Espírito Santo, em lugar de querer manipulá-lo com ingenuidades humanas.

***Pistas de reflexão:** Quais são as tentações que afetam a tua vida e missão, e as de outros claretianos, no contexto em que vives? Como lhe tentas fazer frente?*

IV

CAPACIDADES E DONS, PARA PROCLAMAR, HOJE, A ALEGRIA DO EVANGELHO

Ao mesmo tempo que devemos permanecer atentos às tentações e doenças que debilitam a nossa vitalidade missionária, é importante cultivar e reforçar as virtudes e técnicas, necessárias para desenvolver o nosso trabalho missionário. Proponho algumas, que me parecem importantes neste momento:

1. O discernimento

Como missionários “com Espírito”, o instrumento mais importante que temos para caminhar com o Espírito é o discernimento. Ele habilita-nos a ver o que o Senhor nos pede, quando nos toca tomar uma decisão pessoal ou comunitária. A vida do P. Fundador apresenta-nos o melhor exemplo de como um missionário deve procurar a vontade de Deus, em cada momento da sua vida⁴⁷. O discernimento é uma bússola, que indica o que Deus quer de nós. Quando temos de tomar decisões importantes, devemos acostumar-nos a rezar, como fez Claret, perguntando ao Senhor, “*Domine, quid me vis facere?*”⁴⁸. Claret aprendeu da tradição inaciana o modo de levar a cabo um bom discernimento, e deixou-o como uma herança, na tradição da Congregação. Recordo muito bem o que o nosso mestre de noviços, o P. Franz Dirnberger, perguntava repetidamente aos noviços: “*Será esta a vontade de Deus?*”. Um elemento de discernimento que nos deixou a experiência do Fundador é o “*Quid prodest?*”⁴⁹, um patamar de discernimento no programa da Frágua. A pergunta introspectiva “de que lhe serve” é um instrumento apropriado para penetrar na alma, quando nos encontramos sob pressão interna ou influências externas a atuar, e não conseguimos identificar, com clareza, a voz da consciência.

Entristece-me muito ver que importantes decisões, que têm forte impacto na vida, são tomadas por alguns missionários, de um modo muito ligeiro, de acordo com a pressão de razões ou sentimentos compulsivos, sem preocupação por conhecer o que Deus quer deles, nessa situação. Precisamos de reforçar a cultura do discernimento, em todos os processos da tomada de decisões. Ajudar-nos-ia a descobrir muitas vozes sedutoras, dentro e fora de nós mesmos, e a escutar o sopro suave do Espírito, que nos indica o bem verdadeiro e real, em contraste com o aparente. Convido todos os Superiores Maiores a programar algumas iniciativas, que ajudem os nossos missionários no conhecimento e na prática da arte do discernimento, na vida quotidiana.

2. A escuta

Muitas das proposições do Capítulo Geral, que têm a ver com o discernimento, a vida comunitária, a missão partilhada, o diálogo com as culturas e as religiões e a formação intercultural, requerem a capacidade básica para ouvir. Infelizmente, a virtude da escuta é mais comentada que praticada. Muitos de nós começámos o diálogo, cheios de preconceitos e ideias, de modo que sobra muito pouco espaço para compreender o que o outro quer comunicar, verbalmente ou de outra forma. O diálogo acaba por ser a sobreposição de dois monólogos. A capacidade de escutar a Deus e aos outros, ou de perceber os movimentos internos de si próprio, é indispensável para um discernimento autêntico, para a vida em comunidade e para o diálogo intercultural e inter-religioso.

3. A atenção total

Observar e estar atentos são dois aspetos importantes, que os discípulos de Jesus e os membros das primeiras comunidades cristãs foram convidados a cultivar. Foi-lhes pedido que tomassem

⁴⁷ Cf. Aut 40, 78, 81, 496, 624, 762.

⁴⁸ “Senhor, que queres que eu faça?” (Act 22,10).

⁴⁹ “De que serve?” (Mt 16,26).

consciência da sedução dos falsos profetas e do fermento dos fariseus⁵⁰, que se mantivessem vigilantes e orantes para não caírem em tentação⁵¹, e que se guardassem de qualquer forma de cobiça e da falta de disposição interior⁵². A vigilância é uma qualidade necessária para esperar a vinda do Senhor⁵³. A expressão “atenção total” usa-se frequentemente para indicar a atitude de vigilância.

No mundo moderno, estamos muito atentos à ameaça dos vírus, aos contratemplos da saúde e às condições climáticas. Precavemo-nos perante o perigo da violação do nosso computador, por parte de piratas informáticos, e do roubo de bens materiais. Desgraçadamente, muitos de nós não estamos igualmente precavidos perante as ameaças contra a vocação ou a vida espiritual. Necessitamos de cultivar a atenção, para não deixar que o nosso mundo interior seja invadido pelas nossas emoções e ideias, e permanecer vigilantes perante as solicitações que vêm de fora. A atenção tornar-nos-á sensíveis aos sinais dos tempos. As virtudes da fortaleza e da resistência, em tempos de prova, e a cooperação consciente com a vontade do Senhor, exigem um grau notável de atenção. Os atos, praticados com ligeireza, trazem consequências funestas. É importante para uma vida feliz cultivar a atenção.

4. O sorriso

Aconselharia os nossos missionários a cultivar o dom do sorriso, para testemunhar e proclamar a alegria do Evangelho aos nossos irmãos e irmãs. O sorriso é uma flor, que floresce no solo da gratidão e da alegria do coração, um dom precioso que se intercambia entre aqueles que vivem o espírito das bem-aventuranças. A Bíblia diz que “um olhar luminoso alegra o coração” e, mais: que “o coração alegre melhora a saúde; o espírito abatido corrói os ossos” (Prov 15,30; 17,22). Somente um coração contemplativo oferece um sorriso autêntico ao outro. Um sorriso artificial seca rapidamente, como uma flor terna, oferecida para agradar a uma moça. O sorriso relativiza o que é superficial na vida e aprecia o que é digno de amor. É positivo cultivar o “sorriso inteligente”⁵⁴, que aparece quando reconhecemos os nossos defeitos e erros, e as mazelas dos demais. Neste sorriso, brilha a luz da compreensão. Um sorriso amável é um espelho da imagem divina, impressa no outro. As nossas comunidades e obras apostólicas teriam mais vitalidade, se nós fôssemos capazes de partilhar mutuamente o sorriso de Deus e evitar atitudes frias e acusadoras das limitações. A nossa alma enche-se do sorriso de Deus. É esta oração que recitamos, com o salmista: “Que a luz do teu rosto brilhe sobre nós, Senhor” (Sal 4,6).

5. Atitudes de apreço pelos demais⁵⁵

O dom de se alegrar com os dons e os talentos dos demais é necessário ao missionário, para celebrar a vida em comunidade e fomentar a missão partilhada. Este é, seguramente, o primeiro dom que o Senhor nos concede e que ajuda a ver os demais como dons de Deus, e nunca como inimigos ou ameaças. O outro é considerado uma parábola do amor de Deus, um irmão ou irmã, a caminho da santidade. Os dons e os talentos dos outros são um dom de Deus para cada um e convidam à gratidão. As limitações do outro podem ajudar a desenvolver em nós a capacidade de compaixão e a fortaleza, necessárias a aceitá-lo como é. Uma atitude de apreço capacita-nos para oferecer aos demais uma adequada correção fraterna, que os ajude a superar as suas limitações, tanto quanto possível. Um verdadeiro encontro com o mistério de Deus prepara-nos para o encontro com o mistério mais profundo do outro, que se situa para além das suas fortalezas e debilidades, e das características da cultura, etnia ou género. O respeito e o amor garantem relações de “pessoa a pessoa”, que excluem

⁵⁰ Cf. Mt 7,15; 24,4-5; Mc 8,15; Rom 16,17.

⁵¹ Cf. Mc 14,38; Lc 12,15.

⁵² Cf. Lc 12,15; 1 Pe 5,8.

⁵³ Cf. Mt 22,42; 25,13; Mc 13,15.

⁵⁴ Talvez recordeis o famoso relato de León Tolstoi, sobre um anjo que foi enviado à terra, à procura de respostas para três perguntas sobre reações negativas à decisão de Deus. O anjo sorri, cada vez que descobre a sabedoria da ação de Deus.

⁵⁵ Cf. MS 48, 2.5.

tomar o outro como mero objeto. A atitude de apreço pelo outro, nascida do amor que lança as suas raízes no Evangelho, é condição real para a relação pastoral com o povo, especialmente com os pobres, porque os amamos como Jesus os ama: “até ao extremo” (Jo 13,1). Qualquer outra forma de amor tende a ser manipuladora e a servir-se dos pobres para proveito próprio.

6. Um pensamento integral

A capacidade para assumir as diferenças, dentro duma compreensão global da realidade, é outro dom importante para o missionário, que lhe permite experimentar a beleza da sua fé e caminhar para as diversas periferias existenciais da vida humana. Um pensamento dualista não pode apreciar o mistério do Deus uno e trino, o mistério da encarnação, Maria como mãe e virgem, a Igreja como comunhão, os diferentes carismas numa harmoniosa unidade, e a condição humana, simultaneamente pecadora e redimida. Uma visão cristã integral da vida cria espaços para a escuta das diversas opiniões e perspectivas, e ajuda-nos a descobrir as sementes de bondade e de verdade, nas inúmeras realidades que nos rodeiam. Os conflitos na comunidade gerem-se melhor, quando as diferenças e os desacordos são examinados à lupa das diversas perspectivas com que se pode considerar um assunto. Penso que o antídoto para muitos “ismos”, que revelam uma visão estreita e rígida da vida (individualismo, clericalismo, tribalismo, castismo, etc.), é ter uma visão compreensiva da realidade, sintonizando a nossa perspectiva com a de outros.

7. As virtudes claretianas

O nosso P. Fundador deu muita importância ao cultivo das virtudes que ele considerava essenciais ao missionário⁵⁶. As referidas virtudes são particularmente relevantes, hoje, para nós, a fim de podermos ser eficazes, especialmente no contexto dos numerosos valores mundanos que contaminam o pensamento dos jovens. Devemos começar pela humildade, que é “como que o fundamento de todas as virtudes” (*Aut* 341) e nos ajuda a tomar consciência da própria realidade e da graça de Deus que nos salva. Um missionário arrogante, ostensivo e autossuficiente, não pode ser testemunha da alegria do Evangelho. As Constituições, por seu lado, recordam-nos que “ainda que os Missionários necessitem de todas as virtudes, antes de mais para poder responder à própria vocação, devem ter uma fé viva” (CC 62). As outras virtudes, ou seja, a pobreza, a mansidão, a modéstia e a mortificação, eliminam o egoísmo e acendem o coração no fogo do amor de Deus. Este amor, que se dá esvaziando-se a si mesmo, confere credibilidade ao missionário e torna-o próximo do povo de Deus. Todos conhecemos missionários honrados e comprometidos, mas que afugentam as pessoas, porque não souberam integrar os seus rancores e frustrações. O amor a Deus e ao seu povo convidam-nos a submeter a Cristo as dimensões não-evangelizadas da nossa própria vida, através da prática das virtudes, e a empenhar todo o nosso ser na missão de Cristo.

8. A integração das sombras

Seria ingénuo o missionário que pretendesse viver os seus ideais missionários, sem lutas nem fracassos, como se estivesse isento da influência do pecado original e da concupiscência. Um missionário maduro sabe como integrar o lado obscuro da sua vida, reconhecendo honestamente a sua responsabilidade. Pode ser que se trate de golpes, feridas, pecados, recusas e outros muitos sentimentos amargos do passado. O que não está integrado, age desintegrando a própria vida. As pessoas, com feridas que não foram sanadas, ferem os demais e colecionam mais ferimentos em si mesmos. Há quem, nalgumas ocasiões, necessite de ajuda profissional, para saber integrar a sua situação de dor. Em contexto normal, podemos contar com os recursos maravilhosos na Igreja, que nos ajudam a levar uma vida sã e integrada, ao serviço do povo de Deus. Por exemplo, auxiliam-nos os sacramentos da reconciliação e da Eucaristia, a meditação, os diversos métodos de oração e a prática da direção espiritual. Convido todos os missionários a aproveitar estes valiosos recursos que a Igreja nos proporciona.

⁵⁶ Cf. *Aut* 340-347.

9. A preocupação pela pessoa integral

O amor às missões mantém-nos disponíveis para o compromisso missionário, em qualquer situação. O cuidado da formação intelectual, emocional, moral, espiritual e claretiana, bem como da saúde física, são parte integrante do nosso compromisso missionário, porque queremos ofertar o melhor de nós mesmos a Deus e ao seu povo. É edificante ver muitos missionários que continuam a trabalhar com um coração missionário jovem, apesar da sua idade avançada. Muitos deles mantêm-se intelectualmente atualizados e têm cuidado com a sua saúde física, para servir a comunidade. Cuidam integralmente dos diversos aspetos da sua saúde, a fim de permanecerem disponíveis para o serviço dos demais. Sabem como enfrentar, com espírito missionário, as enfermidades e a deterioração física e psíquica, que a idade avançada acarreta. É o amor de Cristo que impele o missionário a servir o Senhor, tanto se goza de boa saúde como se está doente. Pelo contrário, é triste ver alguns missionários, cuja saúde e energia se deterioraram por causa de alguns hábitos desordenados de vida, e que agora se refugiam numa aposentadoria prematura, quando ainda não têm idade para tal. O cuidado da saúde não se identifica com o culto do corpo, que busca apenas cuidar das aparências. Peço aos missionários que prestem a devida atenção ao seu bem-estar integral, para que possam continuar ao serviço do Senhor, como bons instrumentos para a proclamação do Evangelho.

10. A oração de intercessão por todos os missionários

Graças à consciência de sermos um só corpo, com diversos membros em missão⁵⁷, exprimimos, de diversas e belas formas, a nossa participação no conjunto do corpo congregacional. A oração diária, de comunhão e intercessão por toda a Congregação, é um meio importante para reforçar a vida e a missão de cada claretiano e de cada comunidade. Sabemos que a nossa Mãe, o P. Fundador, os nossos irmãos mártires e os claretianos que já faleceram, intercedem por nós, do outro lado da vida. Mas é também importante que, deste lado, neste vale de lágrimas, nos encontremos, em contemplação, na presença de Deus, para recomendar a sua misericórdia para cada claretiano e cada missão. O salmista no-lo recorda: “Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os construtores; se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigiam as sentinelas ” (Sal 127,1). Faremos bem em consolidar o costume de rezar por toda a Congregação, na nossa oração pessoal e comunitária.

Pistas de reflexão: Pensaste no ardente desejo de Claret, para que os seus missionários cuidassem das virtudes essenciais ao missionário? Que áreas da tua vida deverias desenvolver, para viveres e comunicares a alegria do Evangelho, hoje?

Conclusão

Vivemos num tempo marcado por inovações incríveis e mudanças, difíceis de prever. Somos testemunhas de terríveis conflitos e de guerras, que destroem vidas humanas e provocam movimentos migratórios massivos, em todos os continentes. Alguns acontecimentos recentes demonstram que o desenvolvimento da história não respeita os melhores augúrios e os cálculos científicos⁵⁸. No meio destes eventos, tão surpreendentes como angustiantes, estamos convencidos de que o mundo necessita da alegria do Evangelho, para que encha a vida de sentido e de esperança.

Neste contexto, temos de reforçar os processos de transformação própria, para podermos ser novos odres, capazes de receber o vinho novo do Evangelho e proclamar a alegria do mesmo, no mundo de hoje. Temos de acolher e criar conjuntamente o futuro da nossa Congregação, com uma mentalidade e um coração abertos, obedientes ao Espírito do Senhor. Estaremos já a viver este futuro, quando cada claretiano sentir a alegria da sua vocação e do seu ministério, e puser à disposição da comunidade o melhor de si mesmo; quando cada comunidade cuidar dos vínculos do amor fraterno, mantiver a vitalidade missionária e oferecer tudo o que tem à missão da Província ou Delegação. Por

⁵⁷ Cf. MS 47.

⁵⁸ Por exemplo, o *Brexit*, as eleições do presidente dos USA, a luta do estado islâmico no Médio Oriente, etc.

sua parte, a Província ou Delegação receberá e apresentará o melhor de cada um dos seus membros, para o bem da Congregação, que é enviada a proclamar a alegria do Evangelho. Temos de acompanhar este processo, a partir do serviço de governo, em todos os níveis da Congregação. Para ser coerentes com a nossa vocação missionária, devemos fixar o nosso olhar em Cristo, de quem aprendemos a beleza da vida e do amor autênticos. Na nossa caminhada, sentimo-nos unidos à nossa Mãe, Maria, que nos envolve com o seu amor, ao Padre Fundador, aos irmãos mártires e a todos os claretianos do passado e do presente. Nunca devemos esquecer que a nossa comunhão no Senhor e entre nós, como Família claretiana na Igreja, é inclusiva e, por isso, se abre a todas as pessoas e a toda a Criação. Sejam, juntos, a sinfonia da alegria do Evangelho, sob a batuta do Espírito do Senhor Ressuscitado!

Com São Paulo, temos de repetir: “Estai sempre alegres no Senhor; repito-o: continuai alegres!” (Flp 4,4).

Roma, 20 de novembro de 2106, memória do Beato Mártir, Andrés Solá, CMF, e conclusão do ano jubilar da Misericórdia.

Mathew Vattamattam, cmf.
Superior Geral

CHAMADOS A IRRADIAR A ALEGRIA DO EVANGELHO NO MUNDO DE HOJE

I

O QUE É QUE NOS PEDE O SENHOR, NESTE MOMENTO?

1. Um ano, após a celebração do XXV Capítulo Geral

2. Os dons de duas efemérides eclesiais, importantes para a nossa vida missionária

2.1. Ano da Vida Consagrada: um tempo propício para aprofundar a nossa vocação missionária

2.2. O Ano Santo da Misericórdia: entrar pela porta da Misericórdia de Deus

3. Chamados a caminhar, como missionários “com Espírito” (MS 39)

4. Chamados a ser testemunhas credíveis do Evangelho

5. A alegria de ser missionário, ao jeito de Claret

II

ABRIR-NOS AOS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO

1. Conversão ecológica

1.1. A missão claretiana, dentro de uma ecologia integral

1.2. Cultivar uma ecologia claretiana

2. Conversão pastoral: uma Congregação em saída

2.1. Deslocar-se para as periferias

2.2. A saída em direção aos jovens e o cuidado das vocações

2.3. A evangelização dos evangelizadores

2.4. Evangelização, no continente digital e na área das publicações

3. Conversão pessoal e comunitária

3.1. Comunidade de testemunhas e de mensageiros

3.1.1. Criar a comunidade-missão

3.1.2. Transformação no governo da Congregação

3.1.3. Transformação, no uso do dinheiro e dos recursos económicos

3.2. Adoradores de Deus, em Espírito

3.2.1. Cultivar a espiritualidade missionária

3.2.2. A vocação missionária, como um apelo transformador do Senhor

3.2.3. A formação, um processo permanente de transformação

III

TENTAÇÕES E DOENÇAS ESPIRITUAIS, QUE AFETAM A NOSSA VIDA E MISSÃO

1. Mundanidade espiritual

1.1. Clericalismo

1.2. Carreirismo

1.3. Vanglória

1.4. Pessimismo

1.5. Mentalidade mercantil

1.6. Posição social

2. Ativismo e indolência

3. Mundanidade digital

- 4. Murmuração**
- 5. Individualismo pastoral**
- 6. Pensamento dualista e racionalismo excessivo**

IV

CAPACIDADES E DONS, PARA PROCLAMAR, HOJE, A ALEGRIA DO EVANGELHO

- 1. O discernimento**
- 2. A escuta**
- 3. A atenção total**
- 4. O sorriso**
- 5. Atitudes de apreço pelos demais**
- 6. Um pensamento integral**
- 7. As virtudes claretianas**
- 8. A integração das sombras**
- 9. A preocupação pela pessoa integral**
- 10 A oração de intercessão por todos os missionários**

CONCLUSÃO